

A Boca da Missão em Tefé: história e memória

The Boca da Missão in Tefé: history and memory

Luciano Everton Costa Teles

Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas. Professor assistente 2 da Universidade do Estado do Amazonas-CEST.

Tenner Inauhiny de Abreu

Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas. Professor assistente 1 da Universidade do Estado do Amazonas-CEST.

Resumo: O artigo em tela, cujo conteúdo se configura como um relato de experiência, apresenta o resultado de um projeto de extensão que teve como finalidade montar uma sala de exposição para visitação pública que retratasse a história de Tefé, filtrada pela ótica da ordem dos espiritanos, destacando a importância da Boca da Missão, um complexo construído no século XIX por essa ordem na boca do rio Tefé, no Amazonas, como um “lugar de memória” para a história da região.

Palavras-chave: Boca da Missão; lugar de memória; Ordem dos Espiritanos.

Abstract: This article, whose content is configured as an experience report, focuses on presenting the results of an extension project that aimed to assemble the exhibit hall for public viewing to depict the story of Tefé, filtered through the lens of the order of Spiritans, highlighting the importance of Boca da Missão, a complex built in the nineteenth century by that order of Spiritans in the mouth of the river Tefé, in the Amazon, as a “place of memory” to the region’s history.

Keywords: Boca da Missão; city of memory; Order of the Spiritan.

Considerações iniciais

No decorrer de 2011/2012 foi realizado um projeto de extensão, aprovado no âmbito da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade do Estado do Amazonas, cuja finalidade consistiu em resgatar, valorizar e preservar os materiais históricos existentes e presentes na Boca da Missão, um complexo constituído por um prédio amplo, igreja, praça e uma área plana e arborizada, localizada na boca do rio Tefé, construído pela ordem dos Espiritanos no século XIX na região.

O objetivo foi construir um ambiente favorável à visita pública, com a montagem de uma sala de exposição que retratasse aspectos da história de Tefé, filtrados pelos Espiritanos. Neste sentido, realizou-se não somente a organização de uma sala de exposição como também se resgatou um pequeno acervo¹ que foi disponibilizado para o público em geral – professores, estudantes, moradores das áreas adjacentes etc. – por meio de fotos e imagens.

Este processo pode ser entendido como sendo a primeira fase do projeto de extensão realizado. A segunda fase consistiu em ampliar as informações e discussões e articular visitas nesse espaço, por meio de ações que o tornassem dinâmico.

Com efeito, nessa segunda etapa, buscou-se organizar mensalmente, por meio dos bolsistas envolvidos no projeto,² visitas ao local para a população em geral. Nas visitas os bolsistas apresentavam o local aos visitantes e destacavam os aspectos significativos da história daquele “lugar de memória”.

Este artigo, como relato de experiência, tem como ponto central apresentar de que forma espaços como esses contribuem para a História e Memória da região.

A montagem do espaço da Boca da Missão

Sabe-se que a Boca da Missão em Tefé remonta ao século XIX, momento em que a ordem dos Espiritanos se fixou na região visando propagar a fé católica através da catequese. Para isso, construíram num local estratégico um espaço que possibilitasse a operacionalização das atividades então desejadas, atividades que geograficamente

¹ Além dos materiais existentes no espaço da Missão, explorou-se, em especial, o acervo da Rádio Rural de Tefé (Existe um tópico neste artigo apresentando e caracterizando o acervo da Rádio Rural).

² Deyse Tinôco Seixas e Elem Carine Solart Gonçalves (esquerda e direita respectivamente, na imagem 4), ambas do curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas.

extrapolaram Tefé, atingindo comunidades e outros municípios do Médio e Alto Solimões.³

Historicamente, o espaço das Missões para além das atividades religiosas, funcionou como olaria – sobretudo na construção de tijolos e telhas, materiais utilizados para a construção do Seminário São José – e também como escola profissionalizante (marcenaria, artesanato etc.). Atualmente esse espaço é utilizado para a formação teológica, recepcionando seminaristas que se encontram para participar do processo de formação. Na ausência dessa atividade, o prédio fica “ocioso”.

Neste sentido, a montagem da sala de exposição e as visitas propostas buscaram ao mesmo tempo dar movimento ao local e contribuir com a história e memória da região. Cabe destacar que patrimônio histórico e memória histórica encontram-se interligados. Sobre isso o historiador francês Jacques Le Goff, em obra chamada *História e memória*, publicada pela editora da Unicamp em 1994, apontou que “tanto o patrimônio histórico e cultural material como também o imaterial potencializam a reconstrução de um passado, multifacetado e complexo, que mantém uma ligação orgânica com o presente e que muito o explicita e clarifica, envolvendo questões ligadas à memória”.

Patrimônio histórico e cultura material, reconstrução do passado e memória, elementos fundamentais para fazer uma ponte entre o passado e o presente, são fundamentais para a compreensão deste último. O presente possui uma relação orgânica com o passado, só podemos entendê-lo por meio do passado e, neste sentido, a preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural acaba sendo extremamente necessária.

O espaço das Missões e os materiais históricos nele localizados foram utilizados para viabilizar essa ligação orgânica mencionada por Le Goff, ao mesmo tempo em que se buscou promover a preservação e valorização do Patrimônio Histórico e Cultura Material e da História Local. As visitas públicas ao local são essenciais neste processo.

No processo de montagem da sala foi realizado num primeiro momento a compilação e identificação dos materiais históricos existentes e que acabaram compondo o acervo a ser disponibilizado para as visitas. No segundo momento

³ Solimões é o nome dado ao rio que corta a cidade de Tefé e outros municípios que se localizam em suas margens ou em seus afluentes. A região onde se localizam as atuais cidades como Alvarães, Uarini, Jutai, Tonantins, entre outras também foram alvos das ações dos espiritanos.

ocorreu o processo de organização e catalogação dos materiais identificados, resultando em listagens e catálogos. Após isso, a sala de exposição foi montada efetivamente, inaugurada com um evento científico cujo tema era a importância de espaços como esse.⁴

Na segunda fase, o que se buscou foi a programação das visitas mensais, por meio de convites e cartazes distribuídos em espaços de educação formal e informal, além dos bolsistas atuarem no acompanhamento e direcionamento dos visitantes no complexo e na explicação histórica do local e dos materiais e acervos ali presentes.

Cabe assinalar que cada ponto desses correspondeu a um momento específico que foi seguido, constituindo-se desta forma uma sequência materializada de forma imbricada, cujo fim foi a promoção do resgate e valorização da História da Amazônia, em especial Tefé.

Os documentos explorados: o espaço da missão e o acervo da Rádio Rural

Para a montagem da sala de exposição no espaço da Missão foram explorados dois ambientes. O primeiro, o espaço da Missão, possuía vários materiais que, embora de caráter fragmentado, eram significativos. Imagens, cerâmicas e máquinas, dentre elas uma máquina de fabricação de telha, já estavam no lugar. O segundo, o acervo localizado na Rádio Rural de Tefé, comportava aproximadamente 2.774 documentos organizados em trinta caixas de arquivos distribuídos em diversos temas: documentos, cartas, jornais, livros, apostilas, mapas, relatórios, livros de pontos, atas de reuniões, cursos, formulários, projetos, informativos, boletins, encartes, programas de rádio, cadernos sobre os movimentos sindicais, fora aqueles ainda não catalogados e inseridos no inventário.⁵

O acervo é importantíssimo, pois se encontram além dos documentos mencionados, periódicos como *O Missionário* e demais fontes que evidenciam aspectos históricos das regiões do Médio e Alto Solimões.

⁴ O evento, de caráter local, consistiu num seminário intitulado “Os espaços herdados do passado: lugares de memória?”, que ocorreu em novembro de 2013.

⁵ Sob a guarda da Prelazia de Tefé, o acervo, hoje localizado na Rádio Rural de Tefé, vem passando por sistemáticas ações no sentido de higienização, organização e catalogação. Professores e estudantes têm mobilizado esforços para organizar e democratizar o acervo, em especial pelos projetos de iniciação científica, com financiamento da FAPEAM, e de extensão (PROGEX/UEA). Tais esforços resultaram no inventário parcial (provisório) mencionado. Ainda são precárias as condições de consulta, pela falta de uma estrutura adequada, com mesas, cadeiras, materiais como luva, máscara etc. Porém, o acesso é assegurado pela Prelazia de Tefé e pelos funcionários presentes na Rádio Rural.

Cabe destacar que não é recente a importância geográfica e socioeconômica de Tefé para a região do Médio e Alto Solimões. Cidade cuja posição se configurou estratégica para distribuição de pessoas e produtos, particularmente para cidades localizadas na calha da região do Médio e Alto Solimões e nos afluentes aí localizados, caracterizou-se por ser um importante entreposto administrativo e comercial.

Esta característica de Tefé remonta ao período colonial. Alvo de ações missionárias, sobretudo dos jesuítas (Espanha) e dos carmelitas (Portugal), e de disputas territoriais entre Portugal e Espanha (SANTOS, 2002; UGARTE, 2000), ambos buscando assegurar esse espaço estratégico para a irradiação e consolidação do processo colonizador europeu (BOXER, 1977; MAXWELL, 1996).

Com efeito, a história da cidade em suas “origens” mais longevas se confunde com a atuação missionária da Igreja Católica na então Amazônia Colonial. A região do rio Solimões foi ocupada pela Coroa portuguesa em virtude da presença dos jesuítas espanhóis na área. O nascedouro da cidade esteve ligado à Missão de Santa Tereza D’Ávila, fundada pelo então padre jesuíta Samuel Fritz, na barra do rio Tefé em 1688.

Arthur Reis destacou a figura do jesuíta Samuel Fritz e a atuação missionária dos espanhóis na área do rio Solimões. O raio de ação do missionário se estendia até o rio Negro. Entre os rios Javari e Negro, havia quatro grandes postos missionários. Por volta de 1691, carmelitas portugueses iniciaram uma reação para frear a influência espanhola na região do vale amazônico, fato que de acordo com o autor tem seu ápice em 1710, quando foi “de vez, sacrificado o trabalho dos loyolistas de Fritz, incorporando-se a imensa faixa de terra onde operavam à colônia de Portugal no vale” (1999, p. 130).

A maior aventura portuguesa na Amazônia nesta fase de implantação colonial, e cuja execução deu-se à luz das conveniências do patrocínio filipino, foi à viagem comandada pelo capitão Pedro Teixeira (1637-9). Foi o derradeiro e decisivo empreendimento antes da ruptura da União Ibérica, a partir do qual, depois de 1640, vieram à tona os litígios fronteiriços entre os domínios espanhóis e os novos domínios portugueses (UGARTE, 2000, p. 206).

Mesmo após Portugal ter assegurado uma porção significativa do território localizado a oeste do Tratado de Tordesilhas (1494) – que determinava que as terras eram espanholas, espaço onde Tefé estava localizada – e ter transformado a Missão em Vila de Ega na segunda metade do século XVIII, uma vez que a política de Mendonça

Furtado era denominar as vilas a partir dos nomes portugueses (REIS, 1999, p. 133), esta localização não perdeu sua força e importância estratégica.

Até mesmo no processo de demarcação de limites, as autoridades responsáveis tinham como posto de trabalho a Vila de Ega (Tefé), local onde as atividades burocráticas, administrativas e de campo acerca da demarcação eram realizadas (REIS, 1999).

Com efeito, após o processo de emancipação política do Brasil, com o regime monárquico implantado, e, depois, com a Proclamação da República, a cidade de Tefé não perdeu esta importância. Só para citar um exemplo mais próximo, tem-se a ordem dos Espiritanos, que marcaram presença na região no final do século XIX até os dias atuais, destacando-se pelas ações missionárias na região.

Por esta trajetória histórica, muitos documentos produzidos no decorrer deste processo e ao longo do tempo encontram-se presentes ainda hoje. Resistindo às adversidades características da região amazônica (calor e umidade), uma parte significativa desses documentos se encontra no acervo da Rádio Rural.

A ideia do “lugar de memória”

Por trás desse esforço despendido por um grupo de alunos e professores, se encontra uma demanda de instituição de “lugar de memória”. Percebe-se atualmente um interesse significativo de diversos grupos sociais⁶ em preservar aspectos relacionados às suas trajetórias, com a finalidade de preservação de memórias. Este interesse emergiu e se intensificou a partir das constantes transformações pelas quais a sociedade passou e que afetaram as múltiplas dimensões dos grupos sociais. Estes, por outro lado, sentiram a necessidade de resgatar as memórias em função da sensação de rompimento com o passado.

As transformações bruscas ocorridas, por força da urbanização desenfreada, dos avanços tecnológicos nos mais variados campos, produziram a sensação de que algo estava se perdendo. A este processo de transformações rápidas e constantes da sociedade Pierre Nora denominou de “aceleração histórica”. Segundo Nora:

⁶ Como, por exemplo, grupos econômicos que procuram recuperar e resgatar as suas trajetórias, grupos familiares, instituições públicas e outros.

Aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou do vivido no calor da tradição, sob um impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo do terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais (1993, p. 7).

Em virtude desse processo, a sociedade atual, pelas intensas e constantes transformações que tenderam a produzir um sentimento de esfacelamento da memória, caracterizou-se por produzir estoques de material que evocassem aspectos do passado. De grande envergadura, arquivos, centros de documentação, museus, edificações acabaram se difundindo pelo espaço urbano. A consciência de uma ruptura com o passado e, conseqüentemente, a ideia do esfacelamento da memória despertou o problema de onde buscar sua encarnação. Era a constituição dos chamados “lugares de memória”.

Os lugares de memória são antes de tudo restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade (NORA, 1993, p. 12-13).

A constituição dos “lugares de memória” e o papel cada vez mais salutar da memória na sociedade contemporânea levou a história a tomar a memória como objeto

de estudo. Passou-se a analisar o processo de constituição e formalização das memórias (POLAK, 1989), as disputas entre memórias (LE GOFF, 1994), as gestões políticas da memória e do passado (ANSART, 2001), a memória coletiva (HALBWACHS, 2006), a relação entre memória e esquecimento (PADRÓS, 2001), a política do esquecimento (MICHEL, 2010) e outros. Nesta esteira, o historiador assumiu um papel cada vez mais importante na sociedade atual, pois se passou a clamar pelos seus trabalhos.

Cabe destacar que a memória não foi e nem é objeto de estudo exclusivo da disciplina histórica. Ela perpassou várias ciências, como a biologia e neurofisiologia (funcionamento cerebral e fenômenos como amnésia e afasia), a psicologia (percepção do que é lembrado e esquecido), a pedagogia (memorização). Além disso, por meio da memória estudou-se a formação das identidades, relação entre passado e presente, preservação da memória e outros aspectos (POSSAMAI, 2000, p. 23).

Recentemente também se buscou compreender a relação entre cidade, patrimônio histórico e cultural e memória. Certamente as cidades acabaram constituindo espaços e edificações que se colocaram como baluartes da memória. Monumentos, memoriais, museus, igrejas e outros acabaram ganhando estatuto de patrimônio, evocando a partir daí uma memória de alguma forma relacionada à cidade.

Com efeito, ocorreu um processo de construção daquilo que acabou se materializando enquanto patrimônio histórico e cultural de uma cidade, buscando uma mediação com o passado e a constituição de memórias, muitas vezes homogeneizadoras. Tais memórias acabaram se difundindo na sociedade ocultando aspectos significativos da trajetória histórica da cidade. Revelar e compreender estes meandros são objetivos da disciplina histórica.

A instituição da Boca da Missão como “lugar de memória” se liga à herança histórica e material deixado por esse grupo, os Espiritanos, e sua relação na dinâmica da cidade de Tefé, cuja história pode ser retratada sob a ótica dessa ordem religiosa.

Retrato do espaço da Boca da Missão

Cabe colocar em relevo de que forma se materializou a proposta estabelecida. Para a montagem da sala de exposição foi utilizado um espaço reservado para receber os padres em formação. Era um quarto amplo logo na entrada da Missão.

Imagem 1: O prédio



Fonte: Acervo particular

Nele foram inseridos alguns *banners* que retratavam, em pequenos textos com imagens da época, a história daquele espaço e da cidade de Tefé.

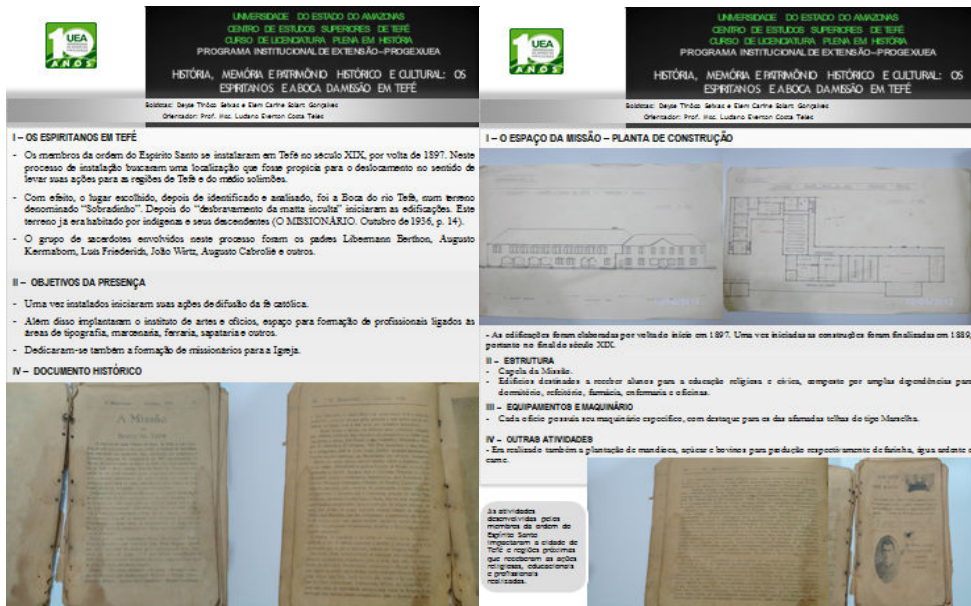
Imagem 2: A sala



Fonte: Acervo particular

Também no complexo alguns materiais da época como, por exemplo, a máquina de produção de tijolos e cerâmicas foram colocados em lugares estratégicos, com pequenos textos explicativos, para serem observados.

Imagem 3: Os banners



Fonte: Acervo particular

Imagem 4: As bolsistas



Fonte: Acervo particular

Por fim, o complexo tem um potencial significativo para ser explorado historicamente, uma vez que somado aos objetos que nele estão constituem material empírico que possibilita interrogações e explicações acerca do passado da região, o que é salutar.

Considerações finais

Percebe-se pelas informações históricas registradas e pelo projeto desenvolvido que a Boca da Missão em Tefé se constituiu como um espaço importante, onde a cultura material se fez presente, evocando um passado que, perscrutado, fornece explicações para a sua compreensão e também do presente.

Como “lugar de memória”, o complexo da Boca da Missão evoca questões significativas para a história e memória da região.

Referências bibliográficas

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANE, Stella; NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

BOXER, Charles. *O Império Ultramarino Português*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. p. 37-46.

CHUVA, Márcia (org.). *A invenção do patrimônio: continuidade e ruptura na constituição de uma política oficial de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Iphan, 1995.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Iphan, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e memória*. 3. ed. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. p. 535-553.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MAXWELL, Kenneth. *O marquês de Pombal*. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política de esquecimento? *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 14-26, ago.-nov. 2010.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasília, 2002.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. *Memória, história e patrimônio histórico: políticas públicas e a preservação do patrimônio histórico*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na História. *Literatura e autoritarismo*, Centro de Educação, Letras e Biologia da UFSM, n. 4, p. 79-95, jan.-jun. 2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 13-24, jan.-jun. 2000.

REIS, Arthur César Ferreira. *Manãos e outras Villas*. 2. ed. rev. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura e Turismo/Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

SANTOS, Francisco Jorge dos. *Além da conquista: guerras e rebeliões na Amazônia pombalina*. 2. ed. Manaus: Edua, 2002.

UGARTE, Auxiliomar Silva. Filhos de São Francisco no País das Amazonas: catequese e colonização na Amazônia do século VXIII. *Amazônia em Cadernos*, Manaus, v. 6, p. 201-228, 2000.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.